

O FUTURO

SEMANARIO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO

DEDICADO PELA MOCIDADE Á CAUSA DA PATRIA

Preços d'assignatura:

Para a cidade, por anno 18200 rs. — Semestre 600 rs. — Provincias: — Por anno 18500 rs. — Semestre 750 rs. (franco de porte.) Anuncios e correspondencias de interesse particular 2 rs. por linha repetição 10 rs.

NUMERO AVULSO. . . 30 rs.

1.º ANNO

PUBLICA-SE ÁS QUARTAS FEIRAS

NUMERO 31

DECLARAÇÃO

Declaro que não sou o redactor do jornal—*O Futuro*—, como quasi geralmente por ali se affirma.

Se, porém, motivos supervenientes, no interesse da causa publica, reclamarem a minha collaboração provisoria, para que não fique interrupta a util publicação d'esta folha, presal-a-hei da melhor vontade, e segundo nol-o permittirem as forças do nosso valetudinario estado.

Braga 4 de Março de 1872.

B. J. Senna Freitas,

BRAGA 5 DE MARÇO DE 1872

Basta!

... quosque abutere patientia nostra?...

CICERO.

Até quando nos fallareis de liberdades, ao mesmo tempo que nos lançaes ferros aos pés; de riquezas, na occasião em que nos vassas os cofres; de religião, no momento em que derrubaeis a Cruz; da patria, agora que a vendeis, com vossos esbanjamentos, no mercado estrangeiro?

Não sabeis que o povo, quando vós o adulaes, para melhor lhe ageitardes o jugo, olha para vós, não esquece a traição, guarda a lisonja, e vae aferir-a pelos vergões das cadeias; e depois, os que mais o enganaram, os que mais dextramente lhe esconderam o açoite, são os que elle primeiro e mais severamente sacrifica?!

Lance-lhe, embora, ferros a tyrannia, occulta n'estas ou naquellas vestes e sob o nome de *liberdade* ou *despotismo*; torne-o bem escravo; calque-o bem aos pés; sorva-lhe gotta a gotta o sangue; arranque-lhe o pão; perva-lhe os costumes, mas não se esqueça que a hora do desespero é certa, quando chegar a dos desenganos!

Cuspi-lhe baldões e afrontas; dobre diante d'elle o joelho prostituidor do culto, só a Deus devido; lance-lhe a purpura d'uma realza que não é; ponde-lhe na mão a cana irrisoria d'um poder mentiroso, e depois gozae, mas tremei; impe-rae como tyrannos, mas calcule as horas, porque o povo tem relógio, onde, escoada a ultima areia d'illimitada paciencia, accor-

da; levanta-se; corre; vóo ao logar das recriminações, e ali tudo esquece, excepto a vingança, e só differencia, com maior castigo, os que mais hypocritamente o enganaram!

Escrevei-lhe na fronte, com a ponta das bayonetas o estygma da escravidão, o ferrete da ignominia, que o povo, um dia, travando do braço á verdade, á justiça e ao direito, fará desaparecer o signal vergonhoso que o constituia cheio d'opprobrio, no meio das nações; e, quebrando em suas mãos musculosas as lanças dos novos e peiores Assyrios, esmagará os ossos frageis d'esses aduladores, que mediam a sua força pela fraqueza d'elles!

Não julgéis que estamos cansados e fatigados, porque perdessemos as forças na lucta, ou porque traçoiçadamente nos cortassem os cabellos como a Sansão, não; atirai-vos impavidos á arena, e ali luctae, area por area, com esse gigante chamado povo, e vereis que n'um combate leal, o resultado é como o do leão que despedaça outro!

Em vez de lhe segredardes palavras sonoras e cheias d'encantos enganadores, que mais parecem hymnos de victoria do que intentos de verdugo, mostrai-lhe o punhal afiado e prompto para, na occasião opportuna, lh'o embeber no peito; e depois não vos admireis de que elle não puna, vin-gue-se; não fira, mate; não edifique destrua!

Mal de nós se não tivermos coragem precisa para nos abraçarmos e morreremos unidos á lei, que nos fizera felizes por tanto tempo, fazendo fugir, d'este modo, para longe e d'uma vez, essas vagas encapeladas da revolução, que tem careomido os alicerces da nossa patria e minado os fundamentos do edificio social!

Se o não fizermos, este formosissimo reino, que a espada valente dos portuguezes arrancara a infieis, será vendido em hasta publica; e um estrangeiro virá, com um punhado de dinheiro, ou, antes, com uma porção de terra de melhor côr, pagar o terreno da nossa patria, e o que mais é, o sangue com que foi regado, e os ossos de nossos avós!

Desgraçados fiaremos, senão substituir-mos a lei á revolução; a justiça ao capricho; o dever ao interesse; o direito ao facto; os principios ás paixões; a ordem á anarchia!

Se o não fizermos, breve seremos uma colonia d'escravos brancos, para gloria de alguma familia, a quem a diplomacia tenha concedido direitos feudaes!

Miseraveis de nós se nos não unimos todos á roda do legitimo pendão, com este brado—*para a patria e pela patria*; se nos não dermos pressa a levantar este grito—*aqui, aqui á volta da bandeira de Affonso Henriques e não fiaremos sem patria*!

Se o não fizermos, ou não quizermos ver em cada portuguez um irmão, Portu-

gal, em vez de sacudir para longe a putrida e vergonhosa mortalha em que o co-seram, será um paiz do estrangeiro, da França, da Inglaterra ou Hispanha!

Abraçados, ainda, uma vez, com o glorioso e sagrado pendão das quinas, que no Campo d'Ourique tivera poder de crear um reino, e ainda agora tem forças bastantes para o fazer resuscitar, gritemos todos pela vida de nossa patria moribunda, *aquelles que vão disputando no meio de homens, guals como a effigie de velha moeda, sobre qual hade ser a forma do atavio, e como se talará a mortalha, em que o cadaver de Portugal deve descer á sepultura*, esperae; se o nosso reino vae, em vossos braços, caminho do sepulchro, dizei-nos em que logar lhe abris a cova; qual o pano funerario onde o haveis de cozer; em que esque-o que reis deitar?

Por ventura sepultal-o em terra estranha, que elle nunca conheceu, senão para dominar?

Acaso fazer-lhe o atavio de madeira sacrilega, e não fabricada por mãos portuguezas?

Talvez amortalhal-o em pano, que ninguém conheça, por ser outro, que não as quinas, o escudo das armas, alli gravado?

Pobre Portugal, pobre Portugal!

De tuas glorias passadas não ficou senão o nome; e esses poucos restos d'uma grandeza de sete seculos, que lá vão, jazem entre aservas e areias, esmagadas pelo cylindro revolucionario!

Esbulharam-te de todos os direitos que fizeram o teu poder, e te ganharam o maior respeito nas mais longinquas regiões!

Roubaram-te a realza que era a personificação unica e viva do direito e prosperidade nacionaes; e agora, depois de te cuspirem, na fronte illuminada pelo sol das batalhas, baldões e affrontas, atam-te ao pelourinho do ridiculo, suppliciam-te com o flagello das misérias, e em seguida atiram-te para dentro da sepultura!

Envolvei-o ao menos, ó assassinos da patria, n'essa bandeira, sempre gloriosa, porque nunca manchada, sempre immorttal, porque nunca mareada das injurias do tempo e das maldades humanas!

Não lhe recuseis uma morte que tenha no nome o que não teve n'uma vida de sete lustros proximos de nós, — morte portugueza; dae a esse venerando ancão uma sepultura honrada!

Mas que digo?!

Nação, outr'ora tão respeitada pelos teus brios e fama, porém hoje tão abatida com leis bastardas e campos talados; povo n'outro tempo tão rico e poderoso, mas hoje tão pobre, que o dinheiro que por ali circula é só para nos lembrar que ainda ha moeda cunhada em Portugal, reino tão estimado pelas tuas creanças e prosperidades, mas hoje tão humilhado, com as cruces derribadas, com templos destruidos, com a religião espesinhada, com as algemas nos

pulsos, com a fome estampada no rosto, e abysmado na maior desgraça; eia, uma palavra só, te pôde salvar!

Brada com força e energia a esses que te despedaçam como o abutre, rompendo as entranhas de Prometteo; que te devoram como a sede de Tantalos; e que te retallham como a roda atormentadora d'Ixion, basta!— até quando haveis de abusar de minha paciencia?!

Fal-o, porque ahí ainda deve de haver portuguezes; poucos que sejam, salvem esses a terra de todos!

O verdadeiro auctor da antiga estrada romana denominada da Geira.

Lê-se na *Gazeta do Povo*, folha que se publica em Lisboa, o que se segue, e transcreveremos sem comentarios, ainda que a elles muito se presta.

Recebemos a seguinte carta ácerca da planta da antiga estrada romana, denominada da Geira, que algumas folhas tem dito que será offerecida a S Magestade o Imperador do Brazil:

Sr. Redactor. — Algumas folhas da capital deram ha dias a noticia (extrahida da correspondencia de Braga para o *Commercio do Porto*) de que o illustre professor bracharense, o sr. Pereira Caldas, se prepara para offerecer a Sua Magestade o Imperador do Brazil na sua proxima visita áquella cidade um mimo de propria lavra. Nem mais nem menos que a planta da antiga estrada romana, denominada da Geira, que o dito insigne professor está levantando em grande escala, e que será acompanhada da competente memoria descriptiva!

Como porém sobejam sempre detractores malevolos e invejosos, que se comprazem de abecanhar o merito alheio, começam já alguns d'estes a tomar voz, propalando que aquelle trabalho original do sr. Caldas é pura e simplesmente uma cópia, reproduzida d'outro, que d'assumpto identico comprehendera e concluiu á custa de longo e perseverante estudo o sr. D. Ramon de Barros Sibelo.

E' facto que este distincto hespanhol, nascido ou domiciliado em Orense, levantou a planta da Geira romana, offerecendo-a com a respectiva memoria á nossa Academia das sciencias, dirigindo-se por intermedio do proprio sr. Pereira Caldas, em cuja mão (provavelmente por falta de portador para Lisboa) esteve retida durante alguns annos.

Quiz a fortuna que o chorado D. Pedro V, sabedor da existencia d'aquella preciosa obra, por elle perguntasse ao achar-se em Braga, pouco antes do seu infausto fallecimento. Foi-lhe então apresentada, e veio para Lisboa, sendo mandada entregar á Academia, se não me engano pelo sr. Marquez de Sousa Holstein, a quem fôra

committido esse cuidado. Posto que em pessimas condições de conservação, cortado e retalhado, esse trabalho foi effectivamente recolhido na biblioteca da Academia, que nomeou o sr. D. Ramon seu socio correspondente.

Taes circumstancias, cuja veracidade é aqui sabida de todos, podiam certamente dar azo a suspeitas mais que vehementes, de que se tracta agora d'uma mistificação, se a notoria prohibição do eximio cathedratico do lyceu de Braga o não possesse a coberto (para os que bem e conhecem!) dos ataques de linguas viperinas.

Entretanto, como os boatos vão ganhando corpo, bom fóra que elle se dignasse dar-nos rasão de si, e esclarecesse o ponto, sequer para tapar d'esta vez a boca aos maldizentes.

Pela inserção d'estas linhas no seu acreditado jornal ficará muito agradecido quem é de v. etc.

Lisboa, 27 de fevereiro de 1872.

I. F. S.

Mais fontes de receita.

Coitados! Não podem mais, trapaceam! Portugal no tempo de seus legitimos reis andava com luz accessa ao meio dia e não via uma tranca diante dos olhos.

Hoje sim; hoje é que estamos no seculo das luzes, e sem auxilio de microscopio vemos um arqueiro na India. As nossas possessões ultramarinas escusam lá de soldados, porque da Torre de S. Julião da Barra se divisa tudo, e a nossa armada desmantellada lá corrará atrás do Bonga, que presto dará ás de Villa Diogo. Além d'isso ainda que se percam essas perolas do velho Portugal, pouco importa. Se d'alli nos vem algum assucar, café ou arroz, se deixar de vir menos tributos pagaremos ao sr. Fontes.

Mas dizem os srs. liberais que a liberdade trouxe melhoramentos de truz. Gritam os tribunos de esquina, os frequentadores da batota, e dos cafés que, em outro tempo, não tinham estradas, caminhos de ferro, telegrapho electrico, e muitas coisas mais, como se o direito que assistia a um monarcha de governar seu povo, e a um povo de ser governado por sabias leis, fosse incompativel com meia dúzia de cestos de cascalho espalhados por essas provincias, ou por alguns covados mólhos de vias ferreas entre o Porto e Lisboa. Com estas e outras trapassas se entretem muitos aspirantes a algum osso com que lhe atire este ou aquelle ministerio.

Deixal-os. Pela nossa parte não nos fazem sombra, e tambem vamos fazendo côro com os amadores do liberalismo.

Estamos no nosso direito, porque pagamos para a festa:

Contribuição industrial
Dita predial

do-se mettido em toda a sorte de negocios, tinha perfeitamente augmentado sua casa, sendo já bastante rico e tendo em mais de um logar casas e domínios. Quasi nunca vinha ao Bolvedere de Agliate (nome com que tinham baptisado a aldeia); e como pela sede insaciavel do ouro não tinha podido até despojar-se de sua velha e encarquilhada pelle, alugava aquella casa e jardim durante a bella estação do outomno, a qualquer amador que estivesse disposto a dar-lhe cem escudos.

N'este anno o habil mercador tinha feito ainda um melhor negocio; com effeito, alexandre (é o nome do pae de Clara) tinha alugado suas propriedades com condições vantajosas para elle e por um prazo mais longo.

O novo locatario tinha vindo, desde o meio de agosto, morar n'este delicioso retiro campestre, com sua filha, que havia alguns mezes andava adoentada e abatida, a fim de restituir-lhe suas forças e alegria. Os medicos da cidade tinham aconselhado o pae de Clara a levar-a a respirar aquelles ares puros e a viver debaixo d'aquelle bello ceo, tam sereno. Alexandre não duvidou que estes limpidos ares curariam todos os males de sua filha acreditando o que em sua facil poesia dissera Passeroni:

Cet air qui guéril tous les maux,

FOLHETIM

O CAPELLÃO DE LA' ROVELLA

POR

Giulio Carcano

Tradução de João Azevedo.

— Pobre Clara, que tens tu, pois, para te apoiar-te inteiramente sobre meu braço? Porque me olhas assim?... Vamos, responde-me.

— Nada, meu pae.

— Nada? Enganas-me, filha... E' impossivel que nosso pequeno passeio te fatigasse tam depressa. De outra sorte, porque o não dizes. Vamos. Tu olhas para mim... não me fallas. O ar está tam puro, o tempo tam lindo, tam sereno! Todavia tu estás pallida, e dirão que tens frio...

— Não, papá; veja, é uma certa melancolia, que me chega a esta hora.

E' a mesma que nos annos passados me visitava, e ainda quando criança. Lembra-se, quando eu corria a travez dos campos com minha mamã? Era sempre ao declinar da tarde. N'esse tempo, e a essa hora fegia minha alegria, e, quando no ceo eu via as primeiras estrellas, chorava.

— Não é isso, Clara, não é isso! tu entregas-te muito á tua imaginação... Se fizesses um pequeno esforço para continuarmos nosso passeio, elle te daria alento. Se tens alguma coisa que te afflige, que te faz mal, porque não a dizes?

— E' um resto de fraqueza... Ha tam poucos dias que eu estava ainda tam doente... mas agora...

— Agora ainda não estás boa, bem o vejo... Vamos, pois que o passeio te fatiga voltemos.

Estamos apenas cem passos distante de casa...

— Se o pae quer voltar, mas sinto abreviar-lhe o seu passeio costumado.

E' a menina voltava a cabeça, como para esconder a seu pae a oppressão que lhe tornava a respiração cada vez mais penosa; mas o pae percebeu o que ella disfarçava.

Emquanto assim fallavam, uma lua clara e serena de setembro se baloiçava no espaço immenso, e a atmosphera envolvida em um veio de ligeiros vapores espalhava na alma aquelles doces e enebriantes perfumes do outomno, que enchem nossos peitos de uma alegria mysteriosa. Raramente se acham n'estas harmonias do ceo e da terra, bellezas, encantos tam puros, como os que se davam a esta hora, na encantadora planície, que se elevava insensivelmente, assimilando o ultimo degrausinho

d'um amphitheatro. Eram assim, n'aquella noite ás collinas da Brianza, n'esta parte da Lombardia, que se chama a costa de Agliate do nome de um antigo castello, nomeado mais de uma vez nas historias da Jnsubria, tam cheias (como todas as outras da Italia) de guerras fratricidas, de scenas de sangue e tyrannia. Era para esta linda e pittoresca aldeia, que se dirigiam sobre a tarde de um formoso dia do mez de setembro de 1830, os passos da pobre Clara, sustentada, e quasi levada sobre os braços de seu velho pae.

Os camponezes passavam dois a dois ou tres a tres, voltando de trabalhar nos campos ou de fazer as vindimas, a fim de ganhar o pão para as esposas e filhos.

Uns carregados com feiches de lenha e de herva curvados debaixo de seu pezo, mas todos passando levavam a mão ao chapéo, provando assim o respeito a seu rico visinho; outros agulhoavam os bois fatigados e indocéis; as mulheres carregadas de folha de milho, levando seus filhos pela mão, alegres e folgadas. Começavam e interrompiam canções populares; todos mostravam aquella paz de espirito, aquella serenidade, que dá o trabalho, e esta alegria rustica resultante de uma vida laboriosa, que, se não dá sempre o contentamento e a felicidade, preserva ao menos de desgostos, de relações banaes, e de saudades de

Dita pessoal
Dita de sello.
Dita de registro
Dita de direitos de transmissão.

Além d'isso pagamos nas alfandegas, no vinho, na carne, e em muitas coisas mais. Quasi que estamos alforçados com tributos, e agora lembra-se o sr. Fontes de tributar os generos de consumo. Venha pois mais esse pelo caminho de ferro para chegar a tempo.

No entanto vamos aconselhando o sr. Fontes a crear uma nova fonte de receita. E' uma contribuição muito leve e facil de pagar. E' leve porque é de lá.

Como sabe, ou bem pôde saber s. ex.ª, a nossa provincia de Traz-os-montes e a do Alemtejo, são abundantes de gado lanigero, ou de ovelhas. Sua excellencia podia tributar-as mandando-as tosquar. Isto produziria grande numero de kilogrammas de lã e seria um bom rendimento para o estado. Isto de tributar o gado pela cabeça não é muito bonito; porque também ficam tributados os cornos, madeira que também pôde servir para pentes a muita gente.

Ora, esta lã, serviria para que se fabricassem mantas para cobrir a nossa armada desmantelada, a nossa miseria financeira, e até — a banca rota.

Esperamos lembrar-nos de mais tributos, para que o sr. Fontes acabe com o deficit, com essa bicha de sete cabeças que revive como a hydra de Lerne. Voltaremos ao assumpto.

O sr. Fontes explicando a riqueza publica pelo imposto!

O sr. Fontes, no seu longo relatório, depois d'empregar todos os seus recursos palavrosos para mostrar que este reino nadava em um mar de delicias, desenvolvendo-se moral e materialmente, em um progresso, que mostrava que o parlamentarismo era a melhor forma possível para felicitar uma nação; passou a voltar a pagina mostrando então que para liberalisar este paiz se tinha gasto muito dinheiro, e que era preciso gastar mais ainda; porque os cofres publicos estavam vazios, e o erario a tocar ás almas, com um deficit, que

cortabat fios almae cuicumque videbat

e que porisso era mister que o povo portuguez repartisse, da sua fartura, com o estado; porque ainda pagava pouco, podia, e devia pagar mais.

Apresentou então, com todo o garbo e elegancia regeneratoria, as suas propostas de lei esfoladoras, que fazem arrear as carnes, ainda ao portuguez mais callejado nas sangrias liberaes, desde 1834 até o dia d'hoje.

Já publicámos dois artigos, um sobre os melhoramentos moraes, e outro sobre os melhoramentos materiaes de que fallava o sr. Fontes com tanta segurança, para servirem de preliminares ao que vamos publicar hoje.

E no momento de cumprirmos a nossa promessa, ao lançar-mos mão do escalpello para dissecar os taes projectos falperrinos, sentimos uns calafrios, e um pezo tal, que é de metter as costas dentro, a tal ponto que

não sei de nojo como o conte

porém mãos á obra, o que tem de ser tem muita força, cumpre fallar, e aclarar a situação pois que diz o nobre ministro «que não é dado quasi nunca áquelles que plantam a arvore da liberdade, e do progresso moral e material colher os abençoados fructos que ella produz.»

Que bello pensamento! já os revolucionarios francezes de 1793, e todos os des-

camizados de todos os paizes assim teem fallado.

Isto, porém, não é mais do que a parodia do nosso adagio de que honra e proveito não cabem n'um sacco.

Devemos, pois, largar a ultima moeda de dez reis, sacudir os bolsos para mostrarmos que nada nos fica n'elles, e descermos até o puro socialismo de sermos colonos não do Estado, porém dos senhores ministros, e sendo regeneradores melhor ainda, para vermos a liberdade por um oculo, como as esposas mahometanas, no seu paraizo, veem a ventura de seus maridos com as hoursis.

E' verdade que a tal liberdade onde quer que tem entrado esbanja tudo, dá caça ao numerario, e derrriba os poderosos, e exalta, não os humildes, porém sim, os famintos; e queixam-se agora de que os Internacionallistas os imitem, e queiram também metter a barba no calix.

Teem igual direito. Se o velho Portugal foi explorado em beneficio dos novos Argonautas dos Açores, que privilegio teem estes para não serem explorados agora pelos Internacionallistas?

Não estabeleceram na sua lei fundamental que já não ha privilegios? e não sancionaram com este lema da sua bandeira o cataclismo de 1834?

Voltemos, porém, ás leis esfoladoras, que só a noticia d'ellas tem sobresaltado ainda as mais mesquinhas aldeas, e os mais obscuros cazaes.

Todos acodem a reclamar, de todos os angulos do paiz partem representações e protestos contra a nova communa, que ameaça a bolsa e o estomago do povo.

Esta agitação é de mau agoiro; e por isso

caveant consules

quem nos avisa, e em quanto é tempo...

O sr. ministro, em vez de fazer córtex rasgados em todos os ramos do funcionalismo, desde as camadas inferiores até o primeiro funcionario constitucional, segundo chamam ao seu rei, com o que podia, não só matar o deficit, senão ainda modificar o imposto, de si oneroso em relação ao paiz, teima em tributar tudo até o sal, e breve tributará o chão que pisamos, a agua que bebemos, o ambiente que respiramos, o herissimo em que empregamos a vista, e os sons que nos ferem o tympano auricular, não escapando mesmo o olfacto e o tacto também.

Ha um adagio que diz: «onde não ha elrei o perde; porém o sr. Fontes é tão ladino como o filho do sapateiro que veio formado de Coimbra, e um poço de sciencia, que dizendo-lhe a mãe que só tinha dois ovos para a cea, um para elle e outro para seu pae, procurou convencer a mãe de que os ovos eram tres, o que ella não quiz acreditar, apesar da idéa que formava da sabença do filho.

Pois onde ha dois não ha um, perguntou o doutorão á mãe boqui-aberta? Ha sim, respondeu attonita. Logo dois e um são tres.

Dando a pobre mulher parte ao marido da sciencia d'arromba do seu filho, que de dois ovos fazia tres, abanou a cabeça mestre cerol, e disse para a mulher, com ar que não admittia replica — prepara os ovos, um para mim, outro para ti, e o nosso talento que como o terceiro, que criou com a sua sabença.

O povo portuguez bem conhece que o sr. Fontes o pinta prospero, progredindo e desenvolvendo-se em melhoramentos moraes e materiaes, a fim de lhe apresentar as suas propostas esfoladoras, e ferrar-lhe as unhas no cachaço, sem que elle se atreva a tugar nem mugir.

Porém hade responder-lhe com o sa-

com que eu contava aqui, bem que não seja d'aquellas que faz mover: vontade, repouso e coragem são os melhores remedios. Tu mesmo tens dito que, desde que respiras estes ares balsamicos passas melhor e te sentes reviver; que não pensas mais no passado, senão como em um sonho penoso...

— Meu Deus! exclamou Clara, com uma certa impaciencia, interrompendo o velho: acredite-me, meu pae, que as desgraças que nos feriram nos ultimos annos e que tanto me teem feito soffrer, não poderei esquecer-as, como se nada tivera succedido!

— Eu não digo isso, Clara; mas é preciso que sejas mais rasoavel; é preciso não entrear a dôr, como tu fazes, entregando-te obstinadamente á tua imaginação... Por ventura não fui eu ferido com a maior de todas as desventuras, com a desgraça mais terrivel, vindo em um momento perdidas todas as minhas esperanças, tendo perdido meu filho e talvez para sempre? E agora não estou eu a temer de te perder também querida Clara!

— Não é só por mim que estou tam triste... o pae bem sabe! Tenho sempre diante dos olhos a triste situação, em que se acha meu bom irmão, meu pobre Alberto. Quem sabe onde estará a esta hora?... Quem sabe se eu poderei abraçá-lo ainda uma vez?...

pateiro — que uma vez que criou terceiro ovo dos dois que existiam, que se contente com esse terceiro ovo, senão... que se lembre, que em Portugal sempre houve liberdade, antes da mentira que nos trouxeram, e com que nos aturdem os ouvidos para nos impurrarem gato por lebre, como teem feito n'estes 38 annos de regeneração liberal negativa.

Elles é que o dizem nos seus jornaes, quando ralham uns com os outros; porque quando ralham as comadres sabem-se as verdades.

E o seu primeiro funcionario constitucional confirmou isso mesmo, quando, na abertura das camaras, recitou o aranzel, que lhe poz na bocca o ministro temporal, o espirital, e espirituoso bispo de Vizeu, que ainda tem reminiscencias de frade franciscano.

Até que finalmente vamos entrar na materia, pois que o sr. ministro diz que, para principio d'economias, além das muitas que já se teem feito, diz elle, é preciso criar 30 comarcas judicias novas com os seus ordenados, e augmento d'emolumentos, e bulirnas antigas, acabando com os juizes ordinarios, que quasi serviam de graça.

Na proposta de lei n.º 1 pede o governo auctorisacão para contractar com o Banco de Portugal, e com os Bancos Lutziano, Ultramarino, Commercial do Porto, União, Alliança, Mercantil, e companhia Utilidade Publica, duas operações uma de 97:379\$349 reis, e outra de 862:748\$914 reis, somma de vencimentos de classes inactivas, criando-se as Inscripções que forem necessarias para a mesma operação, á maneira da do 1.º de Julho de 1867.

Esta proposta é a continuacão do sistema constitucional, que se cifra em não saber administrar, em gastar mais do que se tem, em dispendir, em uma cousa, o que estava destinado para outra, e em pedir ao credito pagando juros etc. etc. etc., quando a verdadeira economia consistie em fazer o contrario do que fazem os governos liberaes, no que mostram que a sua sciencia orça pela dos caloteiros, que tudo farão menos economisar e administrar bem o que teem, sem metterem as mãos nos bolsos áquelles a quem tanto custa a ganhar a vida.

A proposta de lei n.º 2 é uma reforma na repartição de fazenda, como os liberaes as costumam fazer, isto é mudando os nomes ás coisas e pessoas, e augmentando o numero do pessoal para criar novos seidas que os apoiem, n'esta repartição para apertarem as malhas da rede aos pobres contribuintes.

A proposta de lei n.º 3 é destinada a obrigar os contribuintes a prestarem declarações, por escripto, sobre o numero dos seus predios rusticos e urbanos, e seu rendimento liquido, produções regulares dos mesmos, situações e confrontações d'elles.

O governo dá o papel para se fazerem! com os competentes dizeres! Os que não cumprirem não poderão reclamar, ordinaria ou extraordinariamente, contra o rendimento collectavel que foi fixado ao predio sobre que haja ommissão, e incorrerão também n'uma multa, equal á importancia da correspondente collecta!

O' manes da Maria da Fonte, e dos infelizes que morrestes! ó vós que vistes arder as vossas casas, e desaparecer as vossas fortunas para guerrear e derrubar os famigerados cabraes em beneficio dos mais famigerados, hypocritas e desinfrados ambiciosos regeneradores, — se hoje resuscitasseis, tornaríeis a sumir-vos logo pelas campas abaixo ao verdes as papeletas dos cabraes, que queimastes, sopradas das cinzas, renovadas e adoptadas, com o pequeno augmento e correcção da sancção e multa, que escapou áquelles!

Para que Deus nos conceda certas graças, é preciso pedir-lhe, e talvez...

— Elle virá, não desanimem...

As coisas não correrão sempre assim... O que eu queria deixa-me dizer-te... queiria que tivesses mais um pouco de juizo, para te não deixares dominar e abater, por uma lembrança do passado. Se queres gosar ainda de alguma ventura e contentar teu velho pae, deves fazer algum esforço para te venceres a ti mesma.

— Sei em que quer fallar-me, meu pae; ha um mez que faz vibrar esta corda sensível de meu coração... Não a ouve resoar tam tristemente no fundo de minha alma?

— Muito bem! As filhas são todas assim e tu não és melhor que as outras, nem mais justa... Não attendes ás minhas palavras. Talvez que...

— Talvez que esta não seja vossa (e Clara levantou-se como ferida por uma seta, pela voz de seu pae). Talvez não fosse meu pae que me fez conceber uma esperança, que o Senhor me tirou para sempre! Ah! talvez por isso é que terei de morrer bem cedo!

— E' isso o que não posso ouvir-te... Era justa a tua dôr e eu chorei contigo... Mas depois de anno e meio...

— Anno e meio?... Ha anno e meio que eu perdi o meu pobre Julio? Engana-

E isto pelos regeneradores, que, para supplantarem os cabraes no poder, vos impelliram a empunhar o facho incendiario na esquerda, e a espada na direita, em toda a superficie do reino.

Confrange-se-nos a alma ao vermos como os regeneradores, na sua fria protervia, de se vingarem d'esta pobre nação, dando-lhe o golpe de graça, se deslembam da janeirinha, que com um sopro os derribou do poder.

A penna cahe-nos da mão, o espirito atribula-se-nos ao antevermos a serie de males, prestes a cahirem sobre a infeliz patria, se a mão de Deus não pesa sobre os nossos oppressores, restabelecendo a honra, o dever, e a probidade com que nossos maiores administraram a fazenda publica, antes que fosse salteada pelos Hottentotes da civilização pagá moderna.

Temos a alma tão desalentada e oppressa, que reservamos para outra vez a conclusão d'esta analyse, que já vae longa, e hade produzir necessariamente, nos nossos leitores, o mesmo effeito que produziu em nós.

Lê-se na «Nação»:

«Em todos os arraiaes se está tocando a rebate; por que somos chegados a um periodo, em que os campos se delimitam por tal arte que é impossivel o *statu quo*.

Entre nós com a reforma da carta, e com a reforma administrativa, com a criação das comarcas novas, e com a aniquilacão da secular instituição dos juizes ordinarios, ninguém se entende entre os oppressores, e um grito lastimoso parte de todos os angulos do reino.

E ao mesmo tempo os contribuintes, em vista da aluvião de impostos com que os ameaçam, a titulo de matar o deficit, apertam as algibeiras e gritam em alta voz por toda a parte, aqui d'el-rei que nos levam o suor de nossos rostos, e nos sugam o sangue das veas.

Tributam tudo já até o sal; e brevemente tributarão a agua que bebemos, e o ar que respiramos.

No entanto da grandeza do mal começa a surgir a idéa do remedio que ha de sanar os males da conquista.

O povo começa a voltar-se para Deus, e a pedir-lhe que o salve das mãos dos galafarros, que nem a pelle lhe deixam.

E voltam longos olhos para o exilio, onde bruxula a estrella, que lhes ha de servir de guia, como em outro tempo outra guiu os reis magos ao presepio, em que nasceu o Redemptor do mundo.

Recordam-se dos tempos felizes da monarchia, que os livrou da invasão do grande capitão da nossa epocha, sem que lhe tirassem o pão da bocca dos filhos como lhes tem feito, estão fazendo, e hão-de fazer de todo os *Cacos* da maçonaria liberal.

E olham com respeito para os velhos do antigo regimen, que escaparam ao punhal e trabuco dos invasores de 1834 e á fome dos annos seguintes; e para a juventude nascida depois d'essa epocha, e que professa na sua pureza o dogma da legitimidade, a quem já dizem, com a voz e com o olhar, *salva me ne peream*.

Temos pois d'um lado os oppressores, e do outro os opprimidos, que olham este anno como fatidico, e destinado para se libertarem das cadeas d'estes novos castelhanos, que para Castella nos querem levar, só com a differença, que lhe chamam agora Iberia, e não Castella.

Quanto ao mais a cousa em si é a mesma; pois que tudo se reduz a acabar com a autonomia de Portugal.

E isto quando a Hispanha está retalhada em partidos tão varios, quantos são

os homens que lhes prestam o seu nome, ou que são tomados por bandeiras.

E se não fossem esses partidos, onde estaria já a liberdade d'esta boa terra de Portugal?

Chegou, porém, a occasião de se ferir em Hispanha a grande batalha entre os partidos nacionaes, e os estrangeiros, entre a legitimidade e a revolução.

O rei estrangeiro não tem podido aclimar-se no solo da leal e fidalgua Hispanha.

Os partidos que o sustentavam a principio afastam-se d'elle—atacam nas camaras foi-lhe mister dissolver-as.

E apenas dissolvidas é mister dissolver o ministerio, e este talvez tenha de dissolver-se breve, sem fazer as eleições, apesar das perseguições que já se fazem, com especialidade aos carlistas.

Estes terão breve de libertar a Hispanha, desembainhando a espada de Pelajo e do Cid para pôr fóra de Hispanha estes novos Mouros, que, se não a tem dominado por tantos seculos, tem-lhes causado maiores estragos ainda; porque se como os primeiros teem pertendido tirar-lhes a santa religião que professam, teem rojado também a sua nacionalidade aos pés de quantos estrangeiros lhes teem parecido dispostos a receber o seu mandato.

Breve, porém, a Hispanha se levantará do seu abatimento, encostada á espada de Carlos VII, que lhes dára Deus, patria, e rei.

Se será aqui na peninsula iberica, ou na patria de S. Luiz, que primeiro surgirá a legitimidade para felicidade dos povos é questão de dias ou mezes.

Na França chegou finalmente o desengano aos monarchistas, a quem o perigo eminente fez conhecer que só Henrique V podia salvar os da revolução coroada, Napoleão, ou da revolução social e comunista, a guilhotina.

Thiers que podia baixar ao tumulo coberto das benções da França e da Europa, que teria salvado, escolheu a peor parte, cego pelo demonio da ambição.

Querendo equilibrar os partidos para fazer da sua vontade a lei dos francezes, acudiu á communa na sua agonia, procurou acalmar a impressão horrorosa que havia produzido a catastrophe de Paris, entendeu-se com a Internacional por meio do ministro da Instrução publica Julio Simão, e deu ampla liberdade aos vermelhos de se prepararem para sair a campo opportunamente.

Não pôde, porém, com as suas intrigas desorganisar os monarchistas, e privar a Assembléa do poder constituinte, e leve-o para o centro da revolução em Paris, nem mesmo embotar a espada do novo Monk, cujos avós eram da mesma verde Erin, que com o seu sangue cimentou a religião catholica, radicando-a em si.

A Religião Catholica que conservou a Irlanda, e-lhe restituiu a liberdade, ha-de também conservar a França e a Europa, e restituir-lhes a verdadeira liberdade, e a legitimidade que o parlamentarismo lhes roubou.

E o nosso bom Portugal, sacudindo as algemas que o prendem, ha-de também participar dos beneficios da religião e da legitimidade.

O que é a maçonaria?

PRIMEIRA PARTE

E' preciso mostrar de que lado está a má fé para evitar surpresas a innocentes e innocentes: que a verdade appareça.

Pr.º do Ir.º Gomes Freire de Andrade ao Ir.º Otto.

III

«Começais vós por attribuir-nos a cau-

— Sim, sim, está bom! disse o velho sem se voltar.

Mas Clara apenas se podia suster, e retirando-se, apoiava-se pelas mezas e cadeiras que estavam proximas; porém apenas chegou á porta cahiu de repente desmaiada sobre a escrivaninha de seu pae, que desde manhã estava aberta. Clara soltou um gemido. Então Alexandre commoveu-se: a natureza fallou mais alto que o despeito e fria razão.

Tomou a filha cuidadosamente em seus braços, que tremiam; chamou as criadas e ordenou que immediatamente aquntassem o leito de sua filha. Elle mesmo a levou em seus braços para os quartos superiores e a assentou em uma poltrona. Quando elle a viu, graças aos cuidados de sua aia e de uma camponesa, recobrar os sentidos e abrir os olhos, inclinou-se e de poz um beijo n'aquella pallida face. Clara não sentiu aquelle beijo paternal. Alexandre recommendou á criada de serviço que a deitasse; sabiu do quarto quando Clara voltava a si completamente.

sa da febre que mina a sociedade. Privilegiada acusação que apenas encara a cae por terra» (continua a Pr.).

O protagonista d'esta acção maçónica engana-se redondamente; não somos nós que lhe attribuímos o estado actual da sociedade; são os seus irmãos de lá de fóra, mais sinceros, que julgam honrar com isso a maçonaria. Poucas provas bastarão a estabelecer-o. O ir. Rebold, na sua historia geral da fr. maçõna, approvada pelo G. Or. da França, referindo-se ao convento maçõna. de Saintes em 1847, que preparou a revolução de fevereiro de 1848, diz que:

«Em 1847, um grande numero de lojas nas provincias de França, comprehendendo que as bases da instituição maçónica repousam sobre os principios mais puros da moral (a liberdade, egualdade, e fraternidade) e que ellas não podem por mais tempo ficar alheias ás ideias progressivas e generosas, que de todos os lados procuram abrir-se, camuho: que seria desobedecer ás leis da maçonaria, ver de braços cruzados, e sem tomar n'elle parte, este movimento geral que tende a restituir á porção mais numerosa e mais desherdada da sociedade o logar que ella se esforçava por conquistar com o seu trabalho e paciencia; estas lojas, repetimos, formaram alianças mais intimas entre si, e resolveram reunir-se todos os annos em congresso, para discutir e resolver estas questões (pag. 173).»

Tratava-se do socialismo, e queria-se chamal-o a vir em auxilio da revolução que a maçonaria projectava, e despresar depois a classe mais desherdada, como tem feito sempre até aqui, e fará d'aqui por diante.

Comparemos agora as palavras do historiador maçõnico o ir. Rebold, com o seguinte, que se lê no jornal Franc-Maçõn, de março de 1848:

«A 24 de março de 1848, uma deputação dos membros do gr. or., ornados com as suas insignias maçõnicas, foi depor nas mãos do governo provisório um acto de adhesão á republica.....»

«O ir. Bertrand, antigo presidente do tribunal do commercio, representante do grão-mestre, tomou a palavra n'estes termos:

«A gloria do Grande Architecto do Universo.....»

«Cidadãos, o Gr. Or. de França, em nome de todas as officinas maçõnicas da sua correspondencia, traz a sua adhesão ao governo provisório. Ainda que pelos seus estatutos esteja fóra das discussões e das luctas politicas, a maçonaria franceza não pôde contrariar o impeto universal de sua sympathia pelo grande movimento nacional e social que vem de realizar-se....»

Ha uma certa coragem n'este mentir desaforado! Sabemos qual era o movimento social que o Gr. Or. de Fr. aplaudia, e que tinha preparado como disse Rebold: o que talvez nem todos sabiam é qual fosse o objectivo d'este movimento, mas dil-o mui desapado o ir. Fichte, alto dignit. da maçõna. allemã no escripto que lhe dedicou, e intitulára: *Alguns argumentos que servem a dar ao publico uma idea justa da revolução franceza e mostrar sua legitimidade, 1793.* Alli o zeloso ir. estabelece que toda a terra é uma propriedade commun, e que os direitos do homem a ella são mais antigos e sagrados que todos os contractos e costumes. Depois d'isto continua;

«Estes direitos devem restabelecer-se, estes contractos devem rasgar-se, e estes costumes abrogal-os. Na sociedade humana aquelle que não trabalha não tem direito ao sustento: e esta regra applica-se aos ricos tanto como aos pobres. E' necessario pois que o rico metta mãos ao trabalho; e as fadigas que este lhe custar não devem entrar em linha de conta; porque é a natureza que sujeitou o homem ao trabalho para o bem estar da humanidade. Ninguem no mundo pôde deixar inertes as suas forças, para viver, á custa das forças dos outros.»

E logo este ir., pelo qual toda a maçõna. professa profunda veneração, como o mostrou a festa que em 18 de maio de 1862, festejou o centenario do seu nascimento, ensina o que se deve fazer para obrigar ao trabalho os ricos, depois de terem sido despojados de seus bens:

«Desde logo se fixará, diz elle, por estimativa o tempo que pôde ser necessario a um homem, que viveu sempre na ociosidade, para se habituar a adquirir o que lhe é necessario, e bastar-se a si proprio. Esta dilatação é como um tempo de aprendizagem para se exercitar a viver do producto de suas proprias forças. Enquanto não tenha chegado a esse estado se lhe dará o que for necessario, se constar que se applica seriamente á sua tarefa. Pouco a pouco se reduzirão as suas necessidades, e se lhe cercará todos os dias uma parte da porção congrua que se lhe concedeu, até que as suas necessidades eguallem as dos outros, e que se restabeleça o equilibrio entre todos os membros da communidade.»

Manifesta-se aqui a perfeita harmonia entre as doutrinas maçõna. e os desejos

manifestados pela «ambição» contra a qual a circular do Cap. de Coimbra tocou a rebate, porque seduzindo os obreiros, «fisionjeando as suas paixões, afagando os instintos brutos, solta contra a sociedade aquellas victimas, para sobre as ruínas erguer o throno a que sonhou elevar-se.» Esta «ambição» é a maçonaria mesma. Assim, attribuido-lhe nós «a febre que mina a sociedade», não fizemos senão seguir a circular, só com a differença de que esta pretendia attribuir a uma parte do maçonismo aquillo que é a doutrina e a aspiração de toda a ordem.

E para que fique bem assentado isto, aqui lembramos que o ir. Rousseau, attribuiu ao estado social a criação da propriedade, ao qual por isso votava um odio tão profundo, que nada queria tanto como destrui-lo. Agora passamos a transcrever do livro sagrado da maçõna. pelo ir. Ragon, o seguinte:

«O homem da natureza deixou de ser feliz depois que outros homens em vez de cultivarem a terra disputaram entre si a possessão d'ella, o que é outra interpretação de Tubalcain.»

«O ritual diz que a palavra de passe de aprendiz (Tubalcain), significa possessão orbis. E' sabido que Thubal pôde muito bem significar em hebraico terra habitavel, como Cain significa possessão. E' bem que os homens possuam a terra, mas a justiça deve repartir-lhe as porções, e assegurar o seu gozo aos proprietarios. O aspirante esperava recolher lições de sabedoria e principios de sã moral, e que divisa terrível se lhe faz ouvir? possessão orbis! E' a divisa do conquistador, do espoliador. (Cours interpr. des init.)»

No gr. de Mest. Esc. a obra Sarsena, que é apreciada, e tem auctoridade entre os ped. livres estudiosos, apezar de anonyma, diz:

«Os degraus da escada arrancados, as paredes derribadas, podem servir de symbolos para recordar que a cidadella e os baluartes da superstição (a Igreja Catholica), da tyrannia (a monarchia), e da mentira (a propriedade), devem ser demolidos, se a morada e o templo do verdadeiro temor de Deus, da liberdade e da equidade (a communidade dos bens), deve elevar-se e subsistir em todos os corações.»

O ir. Bechstin, judeu, e grande bibliotecario em Meiningen, diz no Manuel maçõnique pour 1849:

«Toda a gente quer ser feliz; e os gosos da vida são o direito de cada homem; mas este direito está hoje em perigo pela pressão dos acontecimentos actuaes.»

Allude á reacção contra o socialismo, que começou por effeito da hedionda revolta dos dias de junho de 1848.

Agora diga o ir. Otto se a accusação é frivola. Se o é, para que a fez antes de nós? E se apenas encara a cae por terra, como é que antes não tratou de destruir estes testemunhos?! Vamos, venha ao menos provar que nós os falsificamos ou deturpamos ao traduzil-os. Qualquer das coisas é mui difficil, e por isso evitav-as cuidadosamente. Se se limitar a dizer, como já disse, que nós não entendemos este auctor, provocará o riso, e não ganhará nada se não auctorisar a justiça da accusação.

(Continua)

REVISTA ESTRANGEIRA

Por toda a parte, com o terror pintado nos semblantes, os governos das modernas theorias politicas, filhas dos impios principios de 93, procuram e tentam evitar a medonha tempestade, que, muito mais breve do que julgam, os hade para sempre sepultar no abysmo, que elles proprios cavaram.

Um cataclismo social, sem outro semelhante até hoje nos fastos da politica, se prepara horrendo, terrível e fatal. Demonstra-o claramente o estado peristaltico de toda a Europa, cujas maiores potencias receiosas, porque prudentes, procuram diminuir o susto, que as opprime, nos immensos aprestos de guerra, de que se tem mudido pressurosas.

Olhando para a Italia, que tem hoje o primeiro logar n'este nosso humilde trabalho, vemos o governo e, principalmente, a monarchia do Piemonte, em vespaldas de serem anniquilladas pela demagogia representada por Masini e Garibaldi, que de mãos dadas já, porque comprehendem ambos a necessidade de estreitamente se aliarem para o triumpho da sua causa, trabalham diligentes na organização das forças republicanas. Os periodicos, obrigados talvez, por alguma ordem secreta atacam com alguma virulencia já o ministerio por ter condescendido muito com o Vaticano.

Faz-se porém notavel entre todas a «Libertá», que diz ao sr. Visconti Venosta,

que nenhuma potencia lhe impõe esta politica de fraqueza, aconselhando-o a adoptar outra mais energica nas suas relações com a Igreja, e citando-lhe, para o alentar, a politica tristemente enérgica e celebre dos snrs. de Bismark, Lutz e Andrassy.

Isto nada é, em vista dos — morras ao rei — e dos — vivas á republica —, que são em Roma o pão nosso quotidiano, acompanhados com o hymno popularissimo do valente e prestante auxiliador da França contra a Prussia.

Além d'isto dizem algumas correspondencias de Roma, que os ministros e a Consortoria são insufficientes para dirigirem a nau do estado, da qual é verdadeira dominadora a esquerda republicana.

Em vista do que levamos dito, cremos, que a ordem na Italia e o triumpho da Igreja ha-de nascer depois do combate da revolução de hoje com a revolução de ontem, porque não podendo nenhuma d'ellas corrigir a outra, como filhas do mal, peccarão ambas necessariamente.

Respeito aos negocios do Pontificado, dizem de Roma á «Correspondence de Genève», que são inexactos os boatos, que circulam relativos á publicação d'uma Encyclica sobre a instrucção civil e obrigatoria.

S. Santidade julga desnecessario este passo em vista do procedimento dos bispos dos paizes, onde se ventilla esta questão, que, defendendo com muitissima eloquencia a doutrina da Igreja e os seus direitos imperiveis, cumprem nobre e heróicamente por toda a terra o seu apostolado, exaltam a Igreja e dam ventura e gloria ao Soberano Pontifice.

S. Santidade passa de perfeita saude, embora torturado pelos successos, que diariamente tem logar na sua cidade.

Passando á Inglaterra, vemos o governo seriamente occupado com a reforma do systema militar, cujas tres instituições, exercito, voluntarios e milicias, tinham existencia separada, e eram governadas por chefes independentes uns dos outros.

A nova reforma tem por fim organizar o systema militar formando divisões territorias e commandos superiores, cada uma das quaes abrangerá simultaneamente tropas regulares, milicias e voluntarios para em exercicios e manobras receberem uma instrucção propria e commun.

O orçamento da guerra apresentado pelo governo á camara dos communs, destina-se todo para este novo systema de defeza nacional.

Sobre a questão — Alabama — nada está decidido ainda de positivo, porque, segundo os telegrammas, o governo dos Estados Unidos resolveu em conselho não retirar nem um apice das suas, em verdade, excessivas reclamações indemnizadoras. De mau agouro é isto para a Inglaterra, que, segundo nosso fraco entender, hade pagar os cinco mil milhões para evitar a guerra; porque esta podia fazer com que a India ingleza e o estreito de Gibraltar passassem a um outro possuidor, que, embora menos commercial, talvez fosse mais interesseiro do que ella.

Além d'isto podia, e pôde, se a guerra tiver logar, desequilibrar-se completamente a politica europeia dando azo ou á formação de grandes imperios, como a Germania, ou a muitas, mas pequenas, monarchias e republicas, e por conseguinte ao desmembramento da Escocia e da Irlanda, que nada gostam do puro dominio inglez.

Na Russia, segundo se deprehende dos periodicos estrangeiros, o principe chancelier está irritadissimo com a guerra, que lhe movem os catholicos apoiados pelos polacos sobre a questão do inspecionamento das escolas feito pelo governo.

Que o famoso chancelier já não tem todas as sympathias dos allemães prova-o claramente o attentado feito contra a sua vida, do qual muito se occupam os periodicos de Berlim.

A lei sobre a inspecção das escolas, approvada na camara dos deputados depois de longos e fortes debates, acaba de ser submettida á camara dos grandes, que lhe fazem uma opposição mais violenta do que a soffrida na camara dos deputados.

Assim o indica a opinião da commissão, que foi encarregada de sobre ella dar o seu parecer, pronunciando-se contra ella 13 dos 17 membros, que a compunham. Porém, como lá e cá más fadas ha, o prin-

cipe de Bismark, para ser approvada a lei, resolveu-se a fazer uma fornada de pares d'entre aquelles, que seguem a sua politica. Servir-lhe-ha este meio para já; o futuro porém ser-lhe-ha peor, porque o movimento religioso aliado ainda fracamente com o nacional, em vista d'este proceder, unir-se-ha mais estreitamente e tornar-se-ha tanto mais perigoso, quanto elle o não calcula no seu louco e cego orgulho.

Em França continuam os maneios republicanos tendentes a inutilisar os trabalhos prudentes dos legitimistas, e as tentativas dos bonapartistas, que tem tanto direito, como elles republicanos, a fazerem propaganda a favor de Napoleão.

O governo actual da França não é mais nem menos do que provisório, como declarou a Prussia.

E se os legitimistas são por elle considerados conspiradores por trabalharem na consolidação da monarchia legitima, que é a unica forma de governo apoiada no direito e na justiça, muito mais o são os republicanos, que só tem por sustentaculo a rebelião, que pôde ser tudo, menos direito e justiça.

Querem que haja differença entre elles e os legitimistas. Sempre á houve desde o principio, porque elles conspiraram a favor do mal contra o bem quando estes governavam, e os legitimistas combatem a favor do bem contra o mal, n'uma occasião em que todos estão fóra do poder.

A differença é hoje, como sempre, immensa entre o bem e o mal, e por isso os republicanos e liberaes querem subir ao poder, embora para isso tenham de derramar lagos de sangue innocente, enquanto os legitimistas querem occupar, o que lhes foi arrebatado, evitando desgraças mortes e incendios.

Uns querem a guerra, são elles; outros dezejam a paz, são os legitimistas; a differença por tanto é sempre immensa entre uns e outros.

Affavorados porém trabalham uns e outros partidos, dos quaes o legitimista é inquestionavelmente o mais bem visto pela totalidade do povo francez.

Tem a seu favor um passado cheio de nobreza, honra e gloria; enquanto que os outros tem todos um passado ignominioso d'atrocidades e prejuizos sem numero.

Eis a razão do favor e respeito tributados ao legitimista, e do desprezo e indifferença, senão aborrecimento, dispensado a todos os outros.

E' por causa d'isto, que a lingoagem do republicanismo se tem tornado immensamente rancorosa contra o representante da monarchia legitima, contra o qual também mandaram fazer manifestações em Anvers.

De mau resultado é isto em nosso entender para a causa republicana, porque este procedimento vil e despresivel, longe de lhe afastar proselytos, hade pelo contrario atrair-l'hos.

Em vista da resolução tomada pela direita da assembleia, o presidente do governo provisório, anda como o chancelier prussiano, irritadissimo.

Cego pela soberba e pela ambição, porque vê fugir-lhe da mão o poder, está resolvido a provocar a crise, que o hade necessariamente sepultar.

A direita em grande maioria aborrece a republica, para que o sr. Thiers possa obter a proclamação definitiva do governo republicano ou a presidencia vitalicia, cuja questão suscitou em conselho de ministros no dia 21 do passado fevereiro.

Em vista de tudo o que deixamos dito, prevemos, e com bastantes fundamentos, que a revolução em França está prestes a a soltar o ultimo bafejo de vida n'um arranco extremo d'immensas calamidades e prejuizos, porque na impossibilidade de viver no poder hade praticar em centuplicado as atrocidades da communa.

Na Hispânia todos os partidos se preparam para os proximas eleições, que hade ter logar no futuro abril, e nas quaes progressistas e conservadores, apezar de estarem ambos de posse do poder, se hade combater reciproca e fortemente, porque entre ambos se operou já a scisão, que todos previam.

Os periodicos dizem, que os unionistas recebem que o presidente do gabinete os atração nas eleições, se preparam para o supplantar.

Os republicanos e radicaes fieis por enquanto á aliança com os legitimistas, trabalham com estes de commun accordo em derrotar o governo nas eleições, de cujo resultado todos temem, que se origine uma guerra civil tanto mais violenta, quanto é o odio por legitimistas, republicanos e muitos liberaes, sem fallar no povo, dispensado ao usurpador e aos seus tão infames, quão ambiciosos e covardes partidarios. D. Amadeu bem conhece a falsa e terrível posição em que se acha na Hispânia; não pôde porém sahir d'ella sem deixar o throno, que alguns infames ambiciosos lhe ofertaram.

Isto não faz elle, porque as ordens paternas o obrigam a permanecer na Hispânia para soffrer, talvez, e muito breve, o mesmo, que o infeliz Maximiliano soffreu no Mexico.

Que tudo se prepara um tragico desfecho ninguem o duvida, porque todos conhecem o estado febril dos povos.

Quando terá logar, ninguem ao certo pôde determinar, embora todos o julguem proximo.

Eis o que é certo.

SECÇÃO NOTICIOSA

Inesperanca. — Terão logar desde hoje até terca feira futura, nas egrejas abaixo indicadas.

- 7 Quinta feira — N. Senhora da Lapa.
9 Sábado — Santa Cruz.
11 Segunda feira — N. Senhora do Carmo.
13 Quarta feira — N. Senhora A Branca.

O Imperador e a imperatriz do Brazil. — Chegaram a esta cidade no dia 3 do corrente o imperador e a imperatriz do Brazil; hospedaram-se no Hotel Real: vieram como simples viajantes. No curto espaço da manhã até ás 4 e meia da tarde visitaram a Cathedral, o Seminario de S. Pedro, o Carmo, a Guadalupe, o monte da Buraquilha, Carvalheiras, o Idolo, etc. Esqueceu-se, porém, de ver o Sanctuario do Bom Jesus do Monte!...

Visitaram depois o Lyceu, onde os esperava uma bem ensaiada philharmonica composta por alumnos do mesmo Lyceu, que tocou os hymnos brasileiro e nacionaes.

Visitou tambem o sr. dr. Caldas, ex-professor d'este Lyceu, provavelmente por este lhe offerecer, como original, a antiga estrada romana, denominada da geira.

Fôram brilhantes e esplendidos os festejos que os brasileiros lhe prepararam; porém parece que, pouca ou nenhuma importancia lhes ligou elle pois não accedeu aos rogos da Commissão que lhe pedira se demorasse alguma cousa até ver a illuminação e demais demonstrações de respeito. Foi triste a sua despedida; e geral o desagrado que deixou ficar especialmente pela pouca consideração que prestou ás pessoas mais notaveis d'esta cidade pela sua posição social.

Bello meio para exigir dos Catholicos do Imperio allemão, o patriotismo devido! — As folhas berlinesas, órgão official do governo, receberam, segundo o diz a «Gazeta Universal do Norte», a seguinte participação:

«Na quarta feira, pela manhã, prendeu-se um antigo pharmaceutico de Posen por ser tachado de suspeitas de querer attentar contra a vida do Chancelier do Imperio. E' polaco d'origem e Catholico fanatico.

Este ultimo titulo tem-no por ter sido por muito tempo, zuavo pontificio, etc.

Portanto na Prussia dá-se officialmente o nome de fanaticos aquelles que são zuavos pontificios.

Vae mais longe um correspondente de Berlim á Gazeta universal d'Ausbourg; diz elle «que o individuo prezo seja um Catholico fanatico, basta dizer que militou por muito tempo como zuavo pontificio. — circumstancia esta que de per si só é bastante para mostrar que o tal individuo é um homem devasso, verkommenes subject, etc. etc.»

Fanatico e devasso! — Saibam todos os soldados do heroico exercito pontificio que servir o Santo Padre é um acto de fanatismo aos olhos do Governo prussiano, como dizem os seus órgãos officiaes, ou um signal de demoralisação, como dizem correspondencias igualmente officiaes d'Allemanha.

Honrem-se os catholicos de ser considerados pelo governo como fanaticos e devassos; mas lembre-se o gabinete prussiano que talvez na hora extrema não encontre a dedicacão, que até aqui tem encontrado, nos Catholicos do seu imperio.

Rissão no Collegio. — Tem continuado com muito proveito espirital na Igreja do Collegio o trabalho a que se votaram os egressos do Varatojo.

Algumas conversões se tem operado não só por causa das persuasivas palavras dos dignos frades, senão tambem e principalmente pelo bom exemplo d'austera virtude, que os caracteriza.

Com esta missão tem-se occupado bastante alguns escrevinhadores, em correspondencias para alguns periodicos de fora d'esta cidade, dos quaes a moralidade anda em paralelo com a crassa ignorancia, que os domina.

Lembra-nos dizer, que se desejam missionarios para civilisarem moral e materialmente os nossos dominios indians e africanos, empreguem o tempo a escrever sobre a necessidade da readmissao das ordens religiosas, em vez de o desperdiçarem em tão estólicas quanto indecentissimas calumnias contra pobres mas em tudo respeitabilissimas pessoas. Não se esqueçam, porém, de notar que, a necessidade de missionarios no continente sobe tanto de ponto, quanto os padres, os parochos e demais autoridades ecclesiasticas, infelizmente não cumprem seus deveres.

E' esta a primeira annunciaçao e estimaremos immenso que seja a ultima, porque em verdade sentimos as faltas do proximo como nos recommenda a caridade christã.

A realza christã não pôde transigir com o liberalismo.—O excellente jornal o Bem Publico de Gand publicou a seguinte carta, a elle dirigida por M. G. Belcastel, o valente campeão da Egreja Catholica na Assembleia nacional de Versalles, 22 Fevereiro de 1872.

Li no Bem publico, citado pelo Universo d'este dia o seguinte:

«A Realza christã, tal como a entende, por exemplo, M. M. Belcastel, Franchieu, Chauvand, não pôde fazer boa liga com o liberalismo do Jornal dos Debates. M. Saint-Marc Girardin esforça-se em celebrar os beneficios d'esta união; jámais acreditaremos isso.»

Dissesteis bem, Senhor Redactor; mas permittime que vos faça observar que nunca visteis o men nome assignado n'esta obra, onde um tal amalgama, só pôde ser imaginado. O meu nome não figura em nenhuma parte, onde se tracta de tal união.

A meu pesar, me separo n'este ponto de meus caros amigos. Elles procedem segundo os ditames da sua razão e liberdade; e eu permaneço nos meus.

Regenerar um povo, que morre de scepticismo, sem pronunciar o nome e os direitos de Deus: fondar a liberdade sobre outras bases que não sejam o Christo unico, e vencedor do Principe d'este mundo; propagar a verdade com a capa d'um equivoco; levantar o throno, diminuindo o prestigio do Rei, tudo isso é considerado por mim como empreza inutil.

Não me é preciso fazer outra profissao de fé.

Assignei a mensagem ao Soberano Pontifice, e creio no Syllabus como um symbolo de salvacao social.

Applaudi o manifesto de M. conde de Chambord, mais aberto ao progresso, mais fecundo em liberdades, mais intelligente das verdadeiras necessidades do tempo, do que o programma dos oitenta.

Além do direito hereditario, Henrique V é o unico Rei digno de ser sagrado, por que abraça a santidade e cumpre a lei.

Recebei, Senhor Director, a expressao de mais distincta consideração.

Gabriel de Belcastel,

Deputado do Haute-Garonne.

Alviçaras.—Dão-se a quem achasse na egreja do Collegio um broche d'ouro e o entregue na rua dos Sapateiros n.º 20.

Rendimento das alfandegas de Lisboa e Porto.—A alfandega de Lisboa rendeu no mez de Fevereiro até o dia 28, 328.100\$383 rs., e a do Porto 406.783\$701 rs.

Vaccina.—Estabeleceu-se hontem a vaccina permanente no paço do concelho, para os expostos e crianças particulares que se queiram aproveitar d'ella, havendo-a em todas as quintas feiras seguintes.

Publicação.—Recebemos e agradecemos a traducção da excellente obra do revd.º padre Gaume intitulada A Europa em 1848, feita por M. de C.

No lugar proprio vae o preço e livraria onde se acha á venda.

Typhos.—Diz o «Tribuna Popular» que na villa de Chaves desenvolveu-se uma terrivel epidemia de typhos.

Tem feito numerosas victimas. E' um terrivel flagello para a povoação.

Macrobia.—Diz o referido jornal que em Salvaterra de Magos reside Paula Roza com 105 annos de idade, que tem filhos já velhos, está rija, e conserva perfeito juizo. Até á idade de 97 annos precisava de oculos para lêr, e d'ahi por diante lê perfectamente sem elles.

Obra monumental.—Lê-se no referido jornal que para interesse do commercio, a Russia pretende ligar, por meio de um canal, o mar negro com o mar Caspio. Este projecto foi bem acolhido em todas as partes.

Com effeito poria em communicação com varios povos da Asia central os que confinam com o Mediterraneo. Por este mar interior navegam 842 embarcações, e isto basta para indicar qual a impor-

tancia do commercio que por assi se faz.

A extensão total do canal parece ser de 610 verstes (o verste equivale a uns 1.663 metros). Calculando o numero de operários em 32 mil a razão de 300 jornaes por operario e por anno, bastariam 1.800 dias ou seis annos para realizar aquella obra gigantesca.

As despesas calculam-se em 81 milhões de roblos, isto é 10 milhões de francos menos que as do canal do Soez.

Madrid.—Diz o referido jornal que de uma carta escripta de Madrid a um amigo nosso extractamos as seguintes linhas: «O imperador do Brazil e consorte andam por aqui ha dias correndo sem parar atraz da sciencia e da industria. Havia já feito o mesmo em Pariz, quando lá esteve; todavia é mister confessar, para sua honra, que deixou entre o mundo intelligente d'aquella nova Babylonia uma impressão agradável... o que é caso virgem, creio eu, em testa coroada. Tenho visto por aqui El-Rei Amadeu, e já que estamos n'este capitulo, direi que me causa dó; tractam-no aqui peor do que á Isabel II; aquella ao menos ainda causava impressão posto que má, mas este...»

Dizem os astrónomos politicos mais entendidos d'esta cidade que poderá continuar a sua carreira como planeta no céu das testas coroadas por mais 4 ou 5 mezes, passados os quaes descerá á condição de estrella... cadente.»

EXPEDIENTE

Estão authorisados para receber o importe das assignaturas os seguintes correspondentes:

Em Lisboa, o exm.º snr. J. A. no escriptorio do jornal a Nação, na rua do Bem Formoso. Em Coimbra, o exm.º snr. Anselmo Maria Urbano de Sampaio, rua dos Militares.

No Porto, o ill.º sr. José Carlos das Neves, rua das Flores.

Na Covilhã, o ill.º snr. Luiz Antonio de Carvalho.

Em Vianna, o ill.º snr. Luiz Francisco Pereira, rua da Picota.

Em Guimarães o ill.º Snr. Antonio Peixoto de Mattos Chaves, rua Nova.

Em Lamego, o ill.º snr. José Cardoso, com loja de livros na rua de S. Francisco.

Aos snrs. assignantes d'outras terras onde não temos correspondentes, pedimos o favor de nos remetterem o importe de suas assignaturas em sellos de 25 reis, ou em valles do correio ao administrador d'este jornal o snr. Joaquim José Vieira da Rocha, rua do Souto n.º 41.

ANNUNCIOS

Neste novo estabelecimento encontra-se um variado sortimento de livros de missa de diferentes encadenações. Livros de devoções e obras scientificas de miltos escriptores catholicos. Além disso tem á venda um variado sortimento de estampas e lenços de bonitos gostos, medalhas e muitos outros objectos religiosos. No mesmo estabelecimento recebem-se comissões de livros que não desdigam do caracter da Livraria. Toda a correspondencia deve ser dirigida á Livraria Catholica, na rua do Souto em Braga.

RAPAZ PARA NEGOCIO

Precisa-se de um de 12 annos na rua de D.º Pedro 5.º n.º 24, Braga.

Jacinto José Antunes Lima, solicitador de causas encartado na cidade Lisboa, com escriptorio na rua de cima do Socorro n.º 27 1.º andar, e residencia no 2.º continúa a tractar de causas em 1.ª e 2.ª instancia,—recursos de revista, e conselho de Estado,—pendencias em todas as secretarias do Estado,—registro nas conservatorias,—cobrança de dividas, titulos e ordenados,—liquidações de herança, e sua arrecadação no Brazil e Ultramar,—compra e venda de predios,—Breves da Nunciatura de Roma.

Acceptam-se procurações para todas as terras do reino tudo sob sua responsabilidade; agencia commoda. O escriptorio conta já 18 annos de existencia, e achase organizado com a necessaria escripturação, e habeis advogados.

O annunciante prontifica-se a dar as garantias precisas.

A' venda na Livraria Catholica rua do Souto, Braga; e na Livraria d'Eugenio Chardron, Braga.

As Flores dos Santos, actas dos santos martyres traduzidas sobre documentos originaes, recolhidos por Santo Ambrosio, Santo Agostinho e outros, com um compendio da historia romana em tudo o que diz respeito á epocha das perseguições e um appendice do panegyrico dos Martyres, por J. B. de S. Victor. Obra publicada com licença do snr. bispo do Porto. 4 vol. 4. grande de 336 paginas . . . 800

A Franc-maçonaria em si mesma e em suas relações com as outras sociedades secretas da Europa, principalmente com o carbonarismo italiano, pelo padre Gyr. 2 vol. 8.º francez . . . 1\$000

Vida de Jesus Christo por L. Veuillot 1 vol. em 12.º . . . 400

Exercicio de perfeição e doutrina espirital para extinguir vicios e adquirir virtudes, do padre Alfonso Rodrigues da companhia de Jesus, 1 vol. de 520 pag. 200

Bibliotheca da Juventude Christã: Ignez 1 vol. 12.º . . . 120 Gouveya 1 vol. em 12.º . . . 120 Eustachio 1 vol. em 12.º . . . 120

Os Franc-maçons o que são, o que fazem e o que querem, por Mr. de Ségur; 2ª edição portugueza, traduzida da 7.ª edição franceza, 1 v. 80

Conferencias pronunciadas na igreja de Jesus em Roma pelo padre Passaglia, 4 vol. 160

Direcção para socegar nas suas duvidas as almas timoratas pelo R. Quadrupani, Bernabita, traduzido por João Joaquim d'Almeida Braga. 1 vol. em 12.º . . . 80

Tratado dos Sacramentos in genere et specie, disposto na melhor ordem e possível clareza pelo theologo Antonio d'Assençaõ Oliveira, 4 vol. em 8.º . . . 500

Obras poeticas de José Agostinho de Macedo, 6 vol. contendo: O oriente—A natureza—A meditação—Newton—Viagem estatica ao templo da sabedoria e a biographia do auctor 6 vol. em 8.º . 1\$440.

Devoção das Dores da Virgem Mãe de Deus, pelo Bispo d'Angola, 1 vol. em 12.º 100

Acaba de sahir á luz: Quadrupani, Direcção para viver christãmente, 1 vol. em 12.º 80 rs.

Aos ecclesiasticos e a todos os bons christãos

Acaba de sahir á luz: Explicação Litteral e Moral das Epistolas e Evangelho dos domingos e principaes festas do anno, das ferias do advento e de todos os dias da quaresma, com noções liturgicas em que se expõe a razão e as origens das principaes ceremonias da Egreja Catholica, precedida d'uma exposição apologetica dos dogmas da Egreja, pelo padre A. Guillois, traduzido da 4.ª edição por Antonio Moreira Bello.

Dous volumes in-4.º cada um de 400 paginas 1\$500

A obra é precedida de uma luminosa exposição apologetica da doutrina catholica e enriquecida nos logares convenientes com extensas reflexões praticas.

E' um livro muito proprio para edificar as almas e esclarecel-as, pela soli-

dez das explicações, pela utilidade das reflexões praticas, e finalmente pela unção das orações que encerra.» segundo a opinião do Sr. Bispo de Chartez; livro cuja leitura é propria para alimentar e esclarecer a piedade», conforme o parecer do Sr. Arcebispo de Boredeus.

Não só recommendamos a sua aquisição aos snrs. ecclesiasticos, a quem será de grande auxilio para as instrucções doutrinaes, mas pedimos-lhes o especial favor de a recommendarem tambem aos seus parochianos.

A obra supra, e todas as do incluso catalogo serão remetidas franco sem augmento de preço, a quem enviar a sua importância em estampilhas de 25 rs. ou em vales do correio.

A EUROPA EM 1848,

OU CONSIDERAÇÕES

SOBRE A

ORGANISAÇÃO DO TRABALHO

O COMMUNISMO

E

O CHRISTIANISMO

PELO

P. Gaume

Vigario Geral da Diocese de Nevers, Cavalleiro da Ordem de S. Silvestre, etc, etc.

TRADUCCÃO

DE

M. de C.

Com — duas palavras de prologo — pelo P. M. J. Pereira.

Acha-se á venda, esta obra, em casa do Editor, Largo de S. Francisco n.º 6, na Livraria Catholica, na de Germano Joaquim Barreto, Rua do Souto, e na de E. Chardron, Largo de S. Francisco, Braga. Preço 200 rs.

OBRA MORAL E RELIGIOSA

Philosophia da internacional, por A. Delaporte, versão portugueza por M. J. de Mesquita Pimentel.

Preço por assignatura 200 rs. Assigna-se na Livraria Catholica n'esta cidade e no Porto na Livraria do sr. Jacintho A. Pinto da Silva, rua d'Alameda.

Congresso Catholico na cidade do Porto

Discursos ali pronunciados pelos snrs:

Padre Brus. 60 reis Mesquita Pimentel. 60 » Visconde d'Azevedo. 100 » Prior de Salreu. 100 » Todos juntos por. 250 »

Vendem-se em Braga na Livraria Catholica, rua do Souto n.º 39.

Procurações

Vendem-se na Livraria Catholica.

MUITA ATENÇÃO

A Fabrica da Fundição do Ouro, na cidade do Porto, é sem duvida a que tem até hoje apresentado melhores apparatus hydraulicos, tanto em qualidade, como em preços, para as grandes e pequenas necessidades d'agricultura; e como prova em parte, offerece ao exame publico, o attestado que abaixo segue, e os apparatus que se acham collocados no Horto Agricola, e nas propriedades dos ex.ºs snrs. doutores Manoel Joaquim Alves Passos e João Barboza de Magalhães Mendonça, na cidade de Braga.

Porto 5 de Janeiro de 1872.

Luiz Ferreira de Souza Cruz.

Eu infra assignato proprietario, residente em Abrantes

Certifico que o snr. Luiz Ferreira de Souza Cruz proprietario da fabrica de fundição do Ouro, mandou montar na minha quinta, denominada Valle da Louza, situada no concelho do Sardoal, um estancario de patente com bomba n.º 4, e engenho de 4 e meia voltas com camara d'ar, absorvendo a agua a altura de seis metros e puxando-a a sessenta e seis com a força de uma mula no 1.º mez de trabalho, e actualmente bastando a de um jumento. Este engenho nada deixa a desejar, funciona com pouca força, muita facilidade dando-me o melhor resultado, já na quantidade de agua que tira e eleva, e já finalmente em economia, por isso que não demanda as continuadas despezas dos an-

tigos engenhos, é de facil concerto, qualquer desarranjo que soffra.—Para satisfação do snr. Cruz, espontaneamente, passo o presente que assigno.

Abrantes 4 de setembro de 1871.

No lugar do Sello

Francisco Rodrigues de Abreu.

4 de setembro de 1871.

Reconheço ser do proprio a assignatura supra.—Abrantes 4 de setembro de 1871.

O Tabellião

José da Silva Roza.

(51)

ANAMNESIA

das Piroetas Liberaes anacas, ou Revista burlesca do anno de 1871, pelo dr. Belford.

A' venda por 100 rs. na Livraria Catholica.

Na Livraria Internacional d'Eugenio Chardron encontra-se o

GABINETE DE LEITURA

4:000 VOLUMES

Condições da assignatura 1 mez 500 reis 6 mezes 1:8 0 » 1 anno 4:600 » O catalogo é remetido a quem o pedir

Na mesma livraria:

Scavini, Théologia moralis 4 vol. 3\$200 Senac, Christianisme e civilisation 2 » 1\$000 Bouvier, Institutiones theologice 6 » 3\$200 Ventura, Enai sur le pouvoir public 4 » 1\$400 Senral, Sermões 1 » 1\$000 Soares Franco, Pregador Catholico 1 » 1\$000 Gaume, Para onze ramos 1 » 400 Certeza do fim proximo do mundo 1 » 200

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

ORAÇÃO GRATULATORIA

NA

Celebração

DO

Vigesimo quinto Anniversario Pontificado

DE

SUA SANTIDADE PIO IX

Recitada

NA

Parochial egreja de Silvares, Matriz de Louzada, em 25 de Junho de 1871,

POR

José Ferreira Marnôco e Souza, Abbade de Souzaella e Arcipreste de Borrozas.

Vende-se por 200 rs. em casa do administrador deste jornal, o snr. Joaquim Vieira da Rocha, Rua do Souto n.º 41.

O producto d'esta oração é applicado para as necessidades temporaes de Sua Santidade.

Tambem se acha á venda nas principaes livrarias de Lisboa, Coimbra, Porto, Guimarães, Vianna, etc.

Vida do Nosso SS. Padre Pio IX

POR

M. VENET.

VERSÃO POR

M. F. M. e Souza.

Vende-se por 60 reis, na Livraria Catholica, rua do Souto, e na livraria de E. Chardron.

BREVE COMPENDIO

DE

ORAÇÕES E DEVOÇÕES

ADOPTADAS PELOS MISSIONARIOS,

TERCEIRA EDIÇÃO

Muito mais augmentada, particularmente com novas meditações e orações, e outras orações para a Missa nas principaes festividades, e algumas novas com indulgencias concedidas posteriormente á ultima Raccolta.

Com approvação de S. Ex.ª Revm.ª Vende-se em Braga, na rua Nova n.º 3, e na Livraria Catholica.

Preço 120 rs.

EDITOR

M. J. V. da Rocha.